

Alfredo da Silva In Memoriam

No âmbito do “Concurso Alfredo da Silva” para as escolas, em memória do empresário, escrevi estas vinte décimas decassilábicas com esquema rimático a/b/a/b/c/d/c/d/e/e. Parabéns a Alfredo da Silva e à sua família e próximos pelos 150 anos do seu nascimento.

Tiago Miguel Catalão L. P. Pina
10ºB do Agrupamento de Escolas
D. Filipa de Lencastre, Lisboa



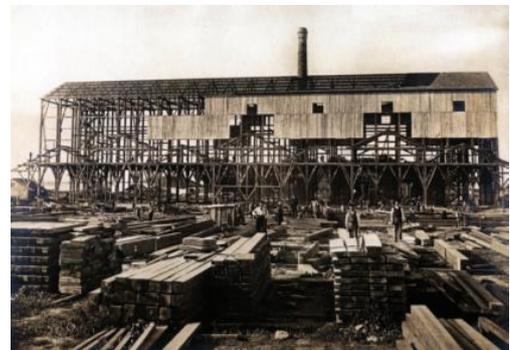
Foi Alfredo da Silva destacado
O supremo industrial português,
Notável empresário emancipado,
Sempre a Pátria serviu com honradez.
Do império CUF patrono e fundador,
Exemplo maior p'ra seus descendentes,
Muitos encantou com o seu ardor
E outras tantas virtudes evidentes;
Para os operários o bom patrão
Sempre se quedará no coração.



Alfredo logo em Lisboa nasceu,
Ao último dia do sexto mês,
De Emília mãe e Caetano pai seu,
Filho primeiro à frente de outros três.
Nascido ao décimo nono centénio,
No septuagésimo primeiro ano,
Teve início de vida heterogéneo
Devido à morte de seu pai, Caetano;
Contudo, teve estudos exitosos,
Talvez sinal de porvires ditosos.



Depressa nos negócios se iniciou,
De várias empresas foi acionista,
Com seu dinamismo, assim, se tornou
Aprendiz de industrial modernista.
Henry de Burnay, seu mestre e parceiro,
Muito ensinou ao jovem principiante.
Pôde ver o começo no Barreiro,
Mesmo sem ser já da CUF governante.
A CUF a Alfredo pertencia assim,
Tal qual à flora pertence o jasmim.



Jasmim de Alfredo era sua mulher,
Que, assim, dava por Maria Cristina;
Juntos não tiveram rapaz qualquer,
Somente lhes nasceu Amélia, filha.
Jovem ainda se enamorou dela
E a corte logo apaixonado fez,
Adolescente, então, era a donzela
Cativada por cartas em francês.
Com separação de bens se casaram
E de se amarem nunca mais deixaram.



Tinha Alfredo apenas trinta e sete anos
 Quando inaugurou a CUF no Barreiro;
 Para aquela vila havia mais planos
 Que só e meramente o veraneio;
 Planos esses que seriam ousados,
 Em terra de muito pequeno porte,
 Porém, acabariam consumados,
 Contando, claro, com alguma sorte.
 Ao pé do rio, num ambiente arisco,
 Para Alfredo valeu a pena o risco.



Nessa altura juntou-se a João Franco,
 Aposta de D. Carlos no Governo,
 Quando o regime já andava manco,
 Antes de o Rei ser morto no inverno.
 Com Franco sofreu primeiro atentado,
 Quando este Alcântara foi visitar,
 Mas morrer cedo não foi o seu fado
 E seu amigo conseguiu salvar.
 Todavia, o franquismo terminou,
 E Alfredo, então, política deixou.



Chega a República, chegam as greves,
 Porém, a CUF não para a progressão;
 Bons tempos que acabaram por ser breves,
 Porque logo veio a grande eclosão
 De uma guerra jamais compreendida,
 A tal Primeira Guerra Mundial.
 Voltou, então, a vontade sumida
 De ajudar a governar Portugal.
 Foi Sidónio Pais que Alfredo serviu,
 Até que o Presidente sucumbiu.



Anos seguintes foram maus também,
 No caos estava o país mergulhado.
 Para Madrid Alfredo foi de trem,
 Mas no caminho sofreu atentado.
 Exilou-se por mais de cinco anos
 Na Europa, em diferentes capitais;
 Então, faria com os castelhanos
 Vários acordos empresariais.
 Exílio nunca significou ócio,
 Trabalhando com o seu genro e sócio.

Manuel de Mello era o nome deste
E a Sociedade Geral ajudou
A fundar; foi mais que apenas um teste,
Pois o sucesso a chegar não tardou;
Criada para dar fôlego à frota
Que Alfredo e a CUF então já possuíam.
Dois anos depois veio a Casa Totta
Para onde os dinheiros confluíam;
Quadrado empresarial completou
Quando parte de outra empresa comprou.



De nome António da Silva Gouveia,
Matérias-primas esta empresa dava;
Oleaginosas, juta à mão-cheia,
Com isto o barco de África zarpava.
Na indústria química teve sucesso,
Na indústria têxtil o teve também;
Modernizar fez parte do processo
E nos negócios sempre ir mais além.
Do exílio de Madrid Alfredo então
Voltou, e logo se pôs em ação.



Criou a Companhia Tabaqueira,
Com o monopólio antigo acabando;
A concorrência nunca foi ligeira,
Num duopólio intenso se tornando.
Por esse tempo veio a ditadura
E p'ra Alfredo problemas financeiros:
A Piano Junior entrou em rutura
E não conseguiu pagar a terceiros.
Esta empresa ficou endividada
À Casa Totta, que foi afetada.



Logo em seguida veio o *crash* bolsista,
Que nos negócios teve grande impacto,
Bem como no mundo capitalista.
Em Portugal ninguém saiu intacto,
E a Casa Totta, que em crise já estava,
Ainda mais em crise se quedou.
O banco da CUF, que pois soçobrava,
Com injeções, Salazar o salvou.
Por isso, Alfredo ao ministro devia
O resgate da "Obra" de uma vida.

Assim, Alfredo pragmaticamente
Se entendeu com António Salazar.
Porém, isso não fez dele somente
Um adepto do regime a vigorar;
Alfredo prezava a estabilidade,
Que era fundamental para o emprego,
E também a previsibilidade,
Pois nos negócios convém ter sossego.
A República disso teve ausência,
Ao contrário do regime em sequência.



Em trinta e seis recebeu concessão
De gerir e explorar os estaleiros,
Para construção e reparação
Do *Creoula* e de outros bacalhoeiros.
Na Rocha Conde de Óbidos ficava
O negócio que p'ra Alfredo rendeu
O título que o caracterizava
Capitão da indústria do país seu.
Destarte Alfredo vivia o fastígio
Da sua vida de grande prestígio.



No dia vinte e dois do mês de agosto,
O ano de quarenta e dois corria,
Quando o país teve grande desgosto:
Era Alfredo da Silva que partia.
Sentidas homenagens se fizeram
Ao preclaro e exímio industrial.
Pela sorte da CUF alguns temeram,
Pois faltava o líder original.
Conforme previsto foi seu herdeiro
Manuel, genro, em lugar dianteiro.



Cedo o Hospital CUF se inaugurou,
Ao fundo da Avenida Infante Santo;
E assim a expansão se desenrolou,
Com os negócios a florescer tanto.
Mais tarde, Manuel faleceria,
Justamente com idêntica idade
À do sogro. Recordado seria
Como um homem de insigne dignidade.
Ficou à frente do conglomerado
Jorge, seu filho, p'ra tal convocado.



Logo veio o vinte e cinco de abril
Com desventuras para os empresários,
Pois foram nacionalizações mil,
Provocando a extinção dos milionários.
A família Mello não se escapou
E Jorge ainda foi para a prisão;
Rapidamente dali se salvou
Mas da fortuna expropriada não.
Com o grupo CUF assim liquidado,
Para o estrangeiro se foi, exilado.



Sem a CUF querida do seu avô,
O património imaterial
Foi meramente aquilo que restou:
O invulgar talento natural,
Aquele espírito empreendedor
E dos antecessores a memória.
Aos poucos, com dedicado labor,
A dinâmica tornou-se notória.
Na reconstrução de um antigo “império”,
O ramo alimentar foi o critério.



Assim se chegou à hodiernidade,
Tendo a vetusta casa Silva-Mello
Dado bom contributo à sociedade
Pela pertinácia sem paralelo.
“O que Portugal não tem, a CUF cria”,
Foi esse o lema para os operários
E patrão de uma empresa que abrangia
O Barreiro e outros itinerários.
De norte a sul o país progrediu,
O que nas colónias se repetiu.

Alfredo da Silva tinha perfil
De líder e empresário ideal.
A CUF, Companhia União Fabril,
Será sempre símbolo em Portugal.
Ao célebre industrial virtuoso,
Cujo legado perdurou na História,
Reconhecido patrão generoso,
Dou estes versos em sua memória.
Em homenagem ao grande empresário,
No seu ilustre sesquicentenário.



Tiago Miguel Catalão L. P. Pina, 10 de março de 2021